

○ Ativismo Delicado

Uma Abordagem Radical para Mudanças



Allan Kaplan e Sue Davidoff

O ativismo delicado
é verdadeiramente radical
por ser consciente
de si próprio,
e por compreender que
seu modo de enxergar
é a mudança que
se quer ver.

○ Ativismo Delicado

Uma abordagem radical para mudanças

“Você deve mudar sua vida.” RAINER MARIA RILKE

NOSSA ECOLOGIA É TÃO FRÁGIL e nosso tecido social está tão esgarçado que cada passo dado para gerar melhorias de vida torna-se um risco de se dar ainda mais nós nessa meada. Nossas pegadas já estão espalhadas por todos os lugares e mesmo assim parece que simplesmente continuamos a pisotear nossas melhores intenções. Será que não estamos deixando algo nos escapar, já que nossas inúmeras tentativas de trabalhar com mudanças parecem emperrar em suas próprias pressuposições? Como podemos abordar o mundo de maneira diferente?

Este livreto explora uma maneira, uma prática, a que temos chamado de “ativismo delicado”. Essa prática envereda por uma trilha que demanda uma reavaliação profunda do papel que temos realmente desempenhado nos processos de mudança social. Aparentemente,

um ativismo que enfatiza a ação em detrimento da reflexão; que recompensa os efeitos externos e ignora a consciência interna; que foca no outro, mas obstrui o eu; que exalta resultados (quase como se fossem *commodities*) sem suficiente preocupação pelo processo que os geram, é um ativismo que não parece ter sido capaz de acompanhar as atuais complexidades das mudanças sociais. Ironicamente, esse tipo de ativismo tem nos colocado no lugar de espectadores ao invés de participantes e tem, na realidade, retardado as mudanças. O ativismo delicado é verdadeiramente radical por ser consciente de si próprio, e por compreender que seu modo de enxergar é a mudança que se quer ver. Ele anuncia uma alteração sísmica da qual surge uma forma mais social e ecológica de ativismo direcionado para um futuro que sustenta a vida.

Delicadeza

(Nota preliminar)

“Há um empirismo delicado que se torna absolutamente idêntico ao objeto, transformando-se, desta maneira, em verdadeira teoria” JW VON GOETHE

A FRASE “ATIVISMO DELICADO” surgiu de uma paráfrase intuitiva sobre o conceito de “empirismo delicado.”

A compreensão, a abordagem e os métodos desenvolvidos por Goethe em sua busca por um caminho de conhecimento, por uma epistemologia que fosse uma maneira participativa e holística de “enxergar para dentro” do mundo, vão muito além do que nosso atual modo de pensar tecnológico e instrumental é capaz de alcançar. Esse modo de pensar nos levou a tentar praticarmos, nós mesmos, essa abordagem de Goethe ao buscarmos caminhos para se trabalhar efetivamente com processos de mudança social. Essa prática hoje se traduz em uma abordagem específica e fenomenológica de mudança social.

Na citação usada acima, Goethe usou o termo “empirismo delicado”. A frase e a sentença à qual ele pertence têm sido objeto de muitos tratados e conversas eruditas;

ele forma a base da abordagem fenomenológica, para a qual retornaremos a seguir. Não precisamos entrar em detalhes a respeito dessas discussões aqui. Mas há algo que imediatamente salta aos olhos.

Um “empirismo que se torna absolutamente idêntico ao objeto” soa como se nossa costumeira separação entre sujeito e objeto, entre o sujeito que percebe e aquilo que é percebido, entre o ator e a ação, fosse destruída, ou sobrepujada. Das duas, uma: ou esta é uma asserção indefensável, insustentável, uma fantasia, ou ela aponta para uma possibilidade muito diferente de se estar no mundo.

A frase realça a enormidade do desafio confrontado por um ativismo social verdadeiramente radical que toca o cerne da luta por justiça e liberdade em um mundo de complexidade inaudita.

Em Imagens Quebradas

Ele é rápido, pensando em imagens claras;
Eu sou lento, pensando em imagens quebradas.
Ele se torna obtuso, confiando em imagens claras;
Eu me torno afiado, desconfiando de minhas imagens quebradas,
Confiando em suas imagens, ele presume sua relevância;
Desconfiando de minhas imagens, eu questiono sua relevância.
Presumindo sua relevância, ele presume o fato,
Questionando sua relevância, eu questiono o fato.
Quando o fato lhe falha, ele questiona seus sentidos;
Quando o fato me falha, eu aprovo meus sentidos.
Ele continua rápido e obtuso em suas imagens claras;
Eu continuo lento e afiado em minhas imagens quebradas.
Ele, em uma nova confusão de sua compreensão;
Eu, em uma nova compreensão da minha confusão.

ROBERT GRAVES

○ Enigma do Ativismo

“... arriscamos enxergar, e ainda assim enxergar sem ver as coisas.” JW VON GOETHE

○ chão que pisamosⁱ

TRABALHAR NO CAMPO DA MUDANÇA SOCIAL e do ativismo nos coloca frente a frente com contradições. Elas não são anomalias, são o próprio chão que pisamos. Este chão onde está todo problema, toda questão, todo obstáculo, toda injustiça ou distorção, por outro lado, guarda a semente da qual nascerá a intervenção do ativista e a mudança. Esse lugar de onde se faz o chamado para despertar (o credo do ativista) é o chão que com tanta frequência vira, paradoxalmente, uma nova manifestação de um velho padrão: o mesmo padrão contra o qual estávamos nos manifestando inicialmente.

No ativismo, a estridência, a convicção de se estar certo acompanhada pela determinação de mudar o que está errado são tão comuns, que a determinação, ao ficar estridente, pode passar a mimetizar as mesmas forças que estávamos querendo mudar. A psicologia da *Gestalt* chama isso de “Teoria da Mudança Paradoxal”: quanto mais se tenta mudar um comportamento, mais ele permanece o mesmo¹. Rudolf Steiner apontou para a existência de uma “lei de necessidade férrea” na esfera social, observando que se os ativistas, ao lutarem pelo “bem”, *não se mantiverem intencionalmente acordados*, quase sempre acabarão por

fortalecer os padrões e comportamentos que eles se comprometeram a mudar porque são pegos – às vezes através de seu sucesso inicial – por uma *virada* quase imperceptível da situação social que os deposita no lado errado da maré². Owen Barfield sinaliza o perigo da busca por respostas estruturais para mudanças em questões sociais e ecológicas e pede que mantenhamos uma qualidade de *nervosismo* em nossas iniciativas sociais, para que permaneçamos conscientes o tempo todo, tentativos e atentos às nuances³.

O momento da virada pode ser tudo, menos imperceptível. Ainda assim, se nos detivermos a olhar de perto e desinteressadamente para todas as ações e papéis dos vários ativistas e das organizações ativistas que conhecemos, veremos que essas viradas povoam a paisagem do campo das mudanças sociais e ambientais com estranha e assídua insistência, apesar de quase passar despercebida, graças à sua penetrante sutileza. Assim, não é uma grande surpresa afinal, que tão pouco se transforme realmente no nosso modo de ser e estar no mundo. As normas vão se entrincheirando na medida em que permanecemos no cativeiro de nossas próprias insistências, de nossa própria presunção de achar que podemos mudar o mundo *agindo sobre ele*.

Descobrimos, ao invés disso, que essa mesma presunção é o arauto de uma virada irônica e paradoxal: descobrimos que *há algo estranhamente conservador no cerne da maioria das abordagens usadas para se lidar com mudanças*. Descobrimos que é este o chão que estamos pisando hoje. A pergunta então se torna: como andar de outro jeito sobre esse terreno?

Uma observação

Várias observações feitas através dos anos em várias situações diferentes provocaram perguntas suficientes para levantar a suspeita de que tudo parece emergir de um mesmo arquétipo subjacente de ativismo, o mesmo aspecto que transforma uma intenção radical em algo inerentemente conservador.

A primeira coisa que observamos é que os ativistas têm dificuldades para criar um tempo e um espaço de reflexão continuada sobre sua prática. Sempre há boas razões para justificar essa dificuldade – há tanto a ser feito, e sempre com recursos tão escassos; as pessoas e situações e as ecologias para as quais trabalhamos têm direitos e necessidades que precisam ser atendidos; não há um espaço seguro e compreensivo para se refletir e a reflexão parece

ser algo tão voltado para dentro e, portanto, indulgente demais. Em suma, somos forçados a agir incessantemente ou perdemos o momento certo, porque tudo está contra nós e o trabalho é exaustivo, interminável e urgente. Para muitos, a reflexão parece uma perda de tempo. E muitas vezes talvez até seja, já que a *prática* da reflexão exige tempo, paciência e uma intenção clara para ganhar maestria e poder ser aprofundada a fim de melhorar a qualidade de nossas ações externas. Ao se trabalhar com ativistas, há uma sensação de que a reflexão sobre a nossa prática é a última coisa que qualquer um de nós quer fazer.

É claro que possivelmente há outras razões pelas quais a reflexão não se deixa enraizar facilmente entre ativistas. Talvez porque realmente não queiramos reconhecer os efeitos questionáveis de muitas de nossas ações, ou porque queremos que outros mudem, mas não achamos que isso seja necessário para nós mesmos – porque claramente estamos trabalhando pelo bem de todos.

As razões talvez sejam muitas e sutis, mas todas elas são coerentes com uma falta de reflexão. E essa falta de reflexão anuncia uma tendência de manter, conservar, recusar riscos e impedir perdas.

Uma segunda observação

Ativistas são geralmente pessoas convencidas (de suas próprias noções do que é o bem social). Ao menos sabemos o que é errado, e temos uma boa ideia do que é certo. Nós sabemos contra o quê estamos trabalhando e temos opiniões fortes a respeito de para quê estamos trabalhando. Somos comprometidos, apaixonados, veementes, cheios de propósitos e de visão. Temos que ser determinados e essa determinação pode (e em geral é o que acontece),

estretar nossa visão e nos cegar para as possíveis falhas e limitações de nossa própria compreensão. Podemos ser tão determinados para atingir nossas metas, que não percebemos que as coisas estão mudando ao nosso redor o tempo todo, mudando às vezes até em função do sucesso de nosso trabalho, e na medida em que elas mudam, novas leituras devem ser feitas, novos sentidos devem ser atribuídos.

Nós também mudamos (assim esperamos); aqueles com os quais trabalhamos estão mudando; aqueles contra os quais lutamos estão mudando; a situação está mudando. Ainda assim estamos sempre agarrados ao passado, incapazes de soltar, presos a uma visão fora de moda sobre aquilo que estamos fazendo. Então, na medida em que a situação muda, vamos nos tornando conservadores. Nós ficamos ali segurando firme; muitas vezes a luta em si acaba se tornando um hábito mais importante do que sua resolução. Quanto mais fortes forem as forças a nos questionarem – e quanto mais conservadoras elas forem – mais conservadores e instrumentais nos tornamos. Vai-se tornando cada vez mais difícil nos questionarmos. Pode parecer autodestrutivo. Mesmo quando pensamos estar em busca de um caminho cada vez mais radical, frequentemente estamos indo na uma direção contrária; *de fato, é só empurrar o caminho radical até os seus próprios limites – com convicção e sem questionamento – que chegaremos ao fundamentalismo.*

Essas tendências aumentam quando a ambiguidade, a incerteza e a complexidade caracterizam nosso mundo, como tem acontecido. Em geral nossa própria intenção é tudo o que temos. Quando toda solução vem com um problema atrelado a ela, quando causa e efeito parecem quase impossível de se separar ou organizar em uma sequência

... Mesmo quando pensamos estar em busca de um caminho cada vez mais radical, frequentemente estamos indo na uma direção contrária; *de fato, é só empurrar o caminho radical até os seus próprios limites – com convicção e sem questionamento – que chegaremos ao fundamentalismo.*

– ambas consequências da complexidade – estamos diante do momento em que nos questionarmos e duvidarmos de nós mesmos poderia ser o primeiro passo em direção à aquiescência. Nosso ativismo se rebela contra essa ideia.

Uma série de observações contenciosas

Ativistas começam questionando muitas das normas que passaram a caracterizar seu mundo social, mas em geral acabam endossando uma das práticas normativas mais comuns em nossa cultura: a tendência de administrar, gerenciar, a tendência de se estabelecer objetivos, delinear estratégias, construir e elaborar planos, focar no caminho mais curto que leva a resultados quantificáveis, de manter-se fiel a um centro, de insistir em formas burocráticas de *accountability*.

As práticas dominantes de uma gestão baseada em resultados, em avaliação de resultados, em imperativos processuais, na quebra das ideias para encaixá-las nos protocolos de planejamento de marcos lógicos (que fragmentam as ideias e as inspirações que as sustentam), em processos de burocratização, em procedimentos normativos que pressupõem (e por isso acabam por criar) a desconfiança entre as pessoas, em uma cultura de medo e conformidade – tudo isso se torna parte do mundo do ativismo social também. E sinaliza o estabelecimento do que efetivamente é um pressuposto: de que se planejarmos e estabelecermos as estratégias com muito cuidado, seremos capazes de virar o mundo para a direção que queremos que ele vá.

Mas essas pressuposições que estão na base da gestão entram em contradição com as noções de complexidade e emergência que passamos a reconhecer como aspectos centrais do processo social. Sob os auspícios da gestão,

tudo é separado em partes componentes; tudo se torna um bem de consumo, organizado e privatizado – até mesmo o nascimento e criação de uma pessoa, até mesmo a natureza e o meio selvagem. Assim como a água é embalada em garrafas plásticas, como as montanhas se tornam uma bacia hidrográfica provedora de serviços de ecossistemas, como os processos contínuos de desenvolvimento de comunidades passam a ser encapsulados em projetos sujeitos a análises de custo-benefício (assim como de técnicas de avaliação e monitoramento), o ativismo também corre o risco de se encontrar preso entre ser um provedor de serviços estéril por um lado e um fundamentalista angustiados por outro.

O fardo de fundamentalista angustiado se encaixa bem nas primeiras observações feitas acima, mas o que significa exatamente ser um provedor de serviços estéril? Essa é uma forma específica dessa tendência de se considerar a gestão como solução, da simplificação para o conserto rápido. Ela incorpora o perigo do ativismo como um instrumento de eficiência e resulta na subversão do ativismo como um possível caminho de mudança profunda e transformador. Eis aqui o mais insidioso de todos os perigos. Temos testemunhado, ao longo destes últimos anos, o crescimento das chamadas “tecnologias sociais”: são exercícios e procedimentos, jogos, modelos e estruturas aprendidos como repertório do profissional de desenvolvimento, considerados instrumentos para engendrar ações e reflexões participativas, para então serem aplicadas como técnicas a todo tipo de situação, visando resolver tanto os nossos impasses sociais e ecológicos, quanto os paradoxos que deles advêm por serem humanos. Tais tecnologias sociais presumem e reforçam – na sua aplicação uniforme – uma engenharia social voltada para o controle.

O conceito de tecnologias sociais transforma em *commodity* a experiência de ser humano, transformando o ativismo em uma tecnologia e deixando de lado a humanidade simples humanidade feita de proximidade, presença, intimidade e amor. ... É a criação desse modelo agora onipresente, das estruturas, do processo como técnica que sinalizam a subversão final e a aquiescência do ativismo que torna a originalidade radical uma prática de conformidade e abstração.

Poucos questionam o uso da palavra “tecnologia”. Poucos questionam os pressupostos feitos aqui sobre a natureza humana, sobre nossas diferenças e nossa unicidade; sobre a relevância e a especificidade do contexto e da necessidade de uma observação e uma atenção continuada (*considerando o fenômeno específico diante de nós*), sobre a demanda por uma resposta às questões contrariadas de liberdade, responsabilidade e sobre o processo contínuo de desenvolvimento. De alguma maneira, inadvertidamente, nos pusemos a mecanizar ainda mais a alma humana. É a criação desse modelo agora onipresente, da estrutura, do processo como técnica que sinaliza a subversão final e a aquiescência do ativismo que torna a originalidade radical uma prática de conformidade e abstração, reduzindo aquilo que é único às demandas administrativas de replicabilidade e uniformidade.

O conceito de tecnologias sociais transforma em *commodity* a experiência de ser humano, transformando o ativismo em uma tecnologia e deixando de lado a simples humanidade feita de proximidade, presença, intimidade e amor.

Uma narrativa sobre instrumentalismo

Há algo que trespassa como um fio todas as observações feitas acima; algo que contradiz o projeto de liberdade, responsabilidade e consciência essencial ao ativista. Quando ignoramos a demanda por reflexão, quando nos tornamos enfáticos quanto à retidão de nossa causa, e quando impomos ao fluxo do processo e do esforço humano um modelo por demais mecânico e simplista, nosso projeto se torna um projeto instrumental que diminui, ao invés de aumentar, as possibilidades do que significa ser humano. O mundo, o mundo social, torna-se um objeto que nós, dele separados e removidos, tentamos manipular através do uso de vários instrumentos e ferramentas para conseguir gerar mudanças. A alteração é sutil, difícil de discernir, mas a pauta vai se tornando conservadora, vai perdendo de vista as implicações da complexidade (a relação entre ordem e caos em um esforço criativo), vai perdendo de vista as implicações da liberdade e da responsabilidade humana, do desenvolvimento da própria consciência e da primazia da relação e do processo sobre coisas distintas e resultados distintos. O instrumentalismo

nega a percepção que prestar atenção aos processos vivos pode nos conceder: o reconhecimento de que tudo está mudando o tempo todo, que (e isso requer um olhar diferente, um coração aberto) tudo está conectado (portanto nada poderia ser compartimentado, “gerenciado”, transformado em *commodity*), e que, portanto, *nosso próprio despertar é tanto uma busca quanto a chave para qualquer empreendimento verdadeiramente ativista.*

O enigma do ativismo está no seu comprometimento com a mudança social, está no risco de ceder ao o instrumentalismo que já domina a sociedade de tal maneira, que o ativismo em si acaba sendo distorcido e vira um conservadorismo (um fortalecimento do status quo), e a busca humana fica reduzida a um problema mecânico que pode ser resolvido – putativamente – sem fazer uso de nossos próprios movimentos de transformação. *Como ativistas, aquilo que somos e o modo como vivemos nossas vidas não têm sido questionado o suficiente. Como ativistas, o ponto de partida para todos os nossos empreendimentos está na compreensão da interseção e da relação entre quem somos e como estamos no mundo, e o que fazemos.*

“E apesar de tudo sabemos:

Ódio, mesmo da mesquinaria

Contorce as feições.

Raiva, mesmo da injustiça

Torna a voz rouca. Ah, nós

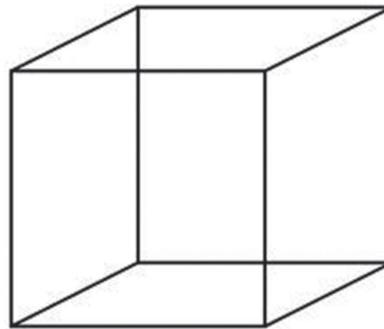
Que queríamos preparar o solo para a afabilidade

Não conseguimos ser afáveis.

BERTOLD BRECHT

Dançando com a Realidade – Uma Relação Delicada

“O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” MERLEAU-PONTY



VOCÊ PROVAVELMENTE JÁ VIU ISSO ANTES; mas esse é um lugar tão bom como qualquer outro para começar. Um lugar divertido por ser simples, mas que serve de trampolim para percepções um tanto quanto desafiadoras. Temos falado sobre ativismo, mas fica difícil proceder sem antes irmos além do ativismo para contextualizar o lugar onde ele acontece. Esse contexto é o mundo em que vivemos e a relação que temos com ele. Se pudermos nos situar em relação a esse contexto, estaremos em melhor posição para compreender o que esse enigma do ativismo está realmente nos pedindo hoje.

Acima do parágrafo anterior temos um cubo, imediatamente reconhecível. O cubo é um tipo de arquétipo

para uma caixa ou um dado. Tem três dimensões (altura, largura, profundidade) e todas elas são iguais. Mas ele na verdade não tem profundidade, porque se tivesse não estaria no papel, ou na tela. Mas se realmente fosse um cubo, teria profundidade. Portanto o que temos aqui é a representação de um cubo, é isto que reconhecemos. Mas podemos questionar tudo isso dizendo que o que você está realmente vendo não é uma representação de um cubo coisa nenhuma, apenas um conjunto de linhas arranjadas sobre uma página (imagine que você nunca tenha visto um cubo antes). Não, nem mesmo isso. Porque para dizer isso já *pensamos* “conjunto”, “linha” e “página”. O que você realmente vê – sem pensar – são apenas marcas escuras em

um fundo branco. E mesmo isso seria difícil de *ver* se você não estiver *pensando* os conceitos de marca e fundo.

Outra coisa: quando você olha para esse cubo, ele parece estar recuando no papel como se estivesse sendo empurrado por trás, ou ele parece emergir como se estivesse vindo em sua direção, saindo do papel? Se estiver enxergando um deles, tente ver o oposto e continue fazendo o esforço até você conseguir enxergar o outro; então movimente o seu olhar de um para o outro. Você vai perceber que na medida em que você se movimenta de uma imagem para outra, um cubo completamente diferente lhe será apresentado – apesar de nada ter mudado no papel! A mudança estará apenas na sua mente, de acordo

com a perspectiva do cubo que você tiver escolhido. Algo muda na sua consciência, na sua intencionalidade, e você vê o cubo de outro jeito, mesmo que as linhas tenham permanecido exatamente da mesma maneira. Você *pensou* o cubo de maneira diferente, então você vê um cubo diferente. Foi Wittgenstein quem reconheceu que “nada mudou, ainda assim o mundo inteiro está diferente.”⁴

Posto de maneira muito simples pode-se dizer que não vemos “coisas”, vemos *significados*. O que é apenas outro modo de dizer que nós levamos o nosso pensamento a criar o que “realmente enxergamos” como percepção pura. Vivemos em um mundo de significados e atribuímos significado ao mundo. Enxergamos apenas significados – mesa, cachecol, pessoa, criança, planta, montanha, nuvem – todos eles são significados que damos ou atribuímos à informação perceptual que nos chega pela porta dos sentidos. É isso que constitui ser humano. Enxergamos ideias, ou melhor, organizamos o nosso enxergar através da atividade do pensamento e o mundo do..., bem, talvez do pó. Sem o pensamento, sem a imaginação, não seríamos nada além de um animal. É isso que Craig Holdredge⁵ quer dizer quando escreve que enquanto o animal vive no seu meio, o ser humano vive no mundo. Viver no mundo é enxergar sentido, não é ver coisas.

Nosso mundo inefável paira entre “a coisa em si” e o “conhecimento da coisa”. Isso é mais facilmente reconhecível talvez ao apreendermos a linguagem e a palavra escrita. O sentido fica *entre* o som ou a visão que nos alcança e o reconhecimento do som ou da visão: ele participa de ambos. O sentido é não-material, o mundo vive *entre* nós e o que está lá fora; vivemos em um mundo de sentido, portanto vemos sentido. (Escolhemos o mundo no qual queremos viver e o criamos ao mesmo tempo).

As ideias contidas aqui são tão óbvias que passamos por elas sem vê-las. A única coisa que não enxergamos quando olhamos para o nosso mundo é o *modo* como vemos o nosso mundo. A única coisa que não vemos é nosso modo de enxergar. E assim fazemos leituras errôneas de várias coisas ao nosso redor e compreendemos erradamente muito do que fazemos o tempo todo, porque nem começamos a perceber que é isso que estamos fazendo. É bom ficar refletindo sobre isso por um momento, já que isso nos diz respeito como ativistas; a lareira da liberdade, de nossa própria humanidade talvez esteja justamente aí, nesse âmbito sobre o qual raramente pensamos.

Owen Barfield⁶ descreve três níveis do “enxergar”. No primeiro e mais imediato, percebemos sem reconhecer, percebemos sem pensar, simplesmente observamos, sensorialmente, sem qualquer revestimento ou pressuposto e, portanto, sem qualquer reconhecimento ou sentido de significado; o que percebemos dessa maneira é algo caótico, desorganizado, ao qual não conseguimos atribuir sentido (como uma criança de dois anos de idade vendo um jogo de críquete, como diz Arnold⁷). No segundo nível, trazemos o nosso conhecimento para criar aquilo que vemos, damos sentido a isso, reconhecemos (assim como fizemos com o cubo). Mas note bem, pois aqui está a chave para nossos enganos de compreensão e apreensão, nosso maior e mais consequente erro: o primeiro e o segundo modo de enxergar estão tão fortemente entrelaçados, acontecem com tal contiguidade que é quase impossível para nós os diferenciarmos. E assim pensamos que aquilo que vemos – imediatamente – é a coisa em si, enquanto que o que estamos realmente vendo é apenas o significado, o significado que nós atribuímos. Para realmente descobrir o que está acontecendo, precisamos olhar para algo que não

Posto de maneira muito simples pode dizer que não vemos “coisas”, vemos *significados*. O que é apenas outro modo de dizer que nós levamos o nosso pensamento a criar o que “realmente enxergamos” como percepção pura. Vivemos em um mundo de significados e atribuímos significado ao mundo.

reconhecemos, e que precisamos nos esforçar para descobrir o que é. Só assim poderemos chegar àquele momento de descoberta surpreendente quando percebemos, reconhecemos, *enxergamos* pela primeira vez aquilo que estávamos vendo o tempo todo (e que ainda não fazia sentido).

Se curvamos os dedos de uma mão e olharmos através deles como se estivéssemos olhando através de um telescópio, focalizando em algo que não pudéssemos mais reconhecer porque o campo de visão ficou estreito demais, poderemos começar a entender o sentido de “enxergar” sem atribuir sentido (sem *ver*). Ou ao recordar um momento quando você pensou ter reconhecido uma pessoa, mas ao olhar bem, viu que era outra. Ao fazer esse tipo de coisa, começamos a perceber o sentido de ver sem enxergar. Imagine um observador de pássaros – se você não for um – que vê uma coisa no meio do mato e diz que ali tem um *bokmakierie*; embora saibamos que ali tem um pássaro (ao menos isso conseguimos reconhecer), ainda não aprendemos a reconhecê-lo. O observador de pássaros vê sentido onde nós não vemos. Agora, se imaginarmos que estamos com alguém que nunca viu um pássaro antes e nunca ouviu falar de pássaros, talvez possamos começar a compreender o que significa reconhecer o que estamos “vendo”. Começamos a perceber qual o papel do nosso pensar, da nossa imaginação para se enxergar. Começamos a reconhecer que enxergamos sentido. Somos seres dados a perspectivas, temos uma visão, uma percepção particular das coisas; o mundo não nos é dado, nós *participamos do seu surgimento*. (Imagine a inteligência criativa, assim como o preconceito intolerante com o qual construímos e criamos nosso mundo, o mundo que enxergamos; o que vemos nunca está destituído daquilo que trazemos para ele).

No terceiro nível, podemos pensar (e falar) sobre as coisas que vimos, podemos buscar explicações, construir metáforas e tentar compreender o que estamos vendo. Em geral é muito difícil dizer a diferença entre o segundo e o terceiro níveis do pensamento e da percepção; assim sendo obviamente é também muito difícil diferenciar entre o terceiro e o primeiro nível, porque o primeiro e o segundo acabam se fundindo. Tantos são os pressupostos que se insinuam em nosso modo de enxergar – sem percebermos, sem nos darmos conta – que podemos acabar herdando um mundo que nos foi dado por outros, ao invés de ver o mundo que está sendo criado através de nossa participação intencional a cada momento.

(Assim podemos, por exemplo, enxergar o ser humano como um objeto mecânico determinado por uma engenharia prévia, ou podemos enxergá-lo como uma forma em potencial de novas e ainda nem sonhadas possibilidades. Precisamos também ser cuidadosos com as metáforas tiradas de um âmbito sendo usadas com excessiva facilidade e superficialidade em outro âmbito. Quando nos referimos à nossa memória como sendo um “banco de dados”, por exemplo, começamos a atribuir um sentido a ela no qual nossos pensamentos e ideias são coisas desconexas, como se fossem bits arrolados em um inventário, quando na verdade elas estão em constante mudança e movimento, fluindo de umas para as outras, metamorfoseando-se quase sem barreiras, tão redolentes e intrincadas que às vezes elas vêm à tona, às vezes desaparecem, mas estão tão intimamente interligadas com nosso ser que não conseguem nunca ser “capturadas” por outra pessoa. Esse modo de “pensar sobre” através do uso das metáforas – tais como as de computadores e banco de dados – começa a dar à metáfora um verniz de fato ou uma explicação, e então passamos a “ver”

As ideias contidas aqui são tão óbvias que as deixamos passar sem ver. A única coisa que não enxergamos quando olhamos para o nosso mundo é o *modo* como vemos o nosso mundo.

É bom ficar refletindo sobre isso por um momento, já que isso nos diz respeito como ativistas; a lareira da liberdade, de nossa própria humanidade talvez esteja justamente aí, nesse âmbito sobre o qual raramente pensamos.

memória como banco de dados, e nossas almas como computadores... e reduzimos ambas de maneira irreparável).

Portanto, o *modo como enxergamos* se torna extremamente importante no que diz respeito ao mundo que criamos através desse enxergar. A suposta polaridade entre subjetivo e objetivo não se aplica assim tão fácil e simplesmente quanto imaginamos; cada enxergar é tanto subjetivo quanto objetivo ao mesmo tempo, porque participamos daquilo que é visto. (O uso de palavras e conceitos tais como subjetivo e objetivo, ou projeção, pode ser muito capcioso; somos sempre participantes e sempre estamos implicados – nosso mundo surge, paira, imaterial, entre o que verdadeiramente está lá fora e o que está aqui dentro). Devemos, portanto, nos tornar muito conscientes do modo como estamos enxergando.

Para não dar espaço para ambiguidades, podemos dizer o seguinte: todo fenômeno – todas as coisas que vemos lá fora – é, na verdade, uma conversa. Criamos o mundo – todo o nosso mundo, e não apenas os aspectos supostamente “subjetivos” – na medida em que avançamos. (*Note-se: não apenas vemos o mundo de maneira diferente, nós o criamos na medida em que avançamos*).

Uma abordagem fenomenológica, portanto, sugere que reconheçamos que nossos conceitos não só iluminam e informam aquilo que vemos, mas também aquilo que vemos, por sua vez, elucida nossos conceitos. Trazemos algo para o mundo e ele nos traz algo de volta e através dessa relação tanto nós como o mundo são ampliados – nos tornamos mais do que fomos antes – e, através dessa conversa dinâmica e criativa, a relação se torna sublime e quase mágica (mas real, tão real! Essa coisa estranha de *surgir através da conversa* é, enfim o mundo real na verdade). Essa conversa leva a um aumento da sabedoria, tanto dentro de nós mesmos, quanto dentro do mundo que está fora de nós.

Inicialmente, talvez seja esse o significado de um “empirismo delicado” (a ser elaborado também mais adiante). Temos que ser verdadeiros com o que está lá fora, e o que está lá fora vai sendo informado, iluminado e se transforma através daquilo que nós lhe trazemos através do modo como o vemos ou como vamos ao seu encontro. Nem uma coisa, nem outra, mas ambas, dançando juntas na mais refinada das relações.⁸

Portanto, o *modo como enxergamos* se torna extremamente importante no que diz respeito ao mundo que criamos através desse enxergar. A suposta polaridade entre subjetivo e objetivo não se aplica assim tão fácil e simplesmente quanto imaginamos; cada enxergar é tanto subjetivo quanto objetivo ao mesmo tempo, porque participamos daquilo que é visto.

Mágica Ordinária – Uma História Delicada

“– O que é prática? – perguntou Dogen. E o velho sábio respondeu:

– *Tudo está aberto no universo.*” RYUTEN PAUL ROSENBLUM ROSHI

(delicada – “demonstrando uma habilidade ou um talento de alguém, especialmente ao produzir um trabalho intrincado ou de movimentos gentis e hábeis” definição tirada do Dicionário Inglês Encarta World)

TENDO EXPLORADO ALGUNS ASPECTOS SOBRE COMO criamos o mundo através do sentido que atribuímos a ele, voltamos ao espinho do ativista. O enigma do ativismo assenta no coração de nossa humanidade como um desafio arquetípico, como uma problemática central que se apresenta diante do ativismo social como sua sombra inimitável. Sobrepujar esse enigma significa entrar em contato com a substância da qual a disciplina da liberdade é realmente feita e com a promessa amedrontadora presente no centro do campo humano: a de manter um pé em cada lado do abismo existente entre o pertencimento e a separação. Agir (onde muitos outros não agem) e ainda questionar essa ação – em nome dela – *enquanto se age*, é a realização sublime do que representa ser humano; é estar em uma conversa aberta com nosso próprio mundo o tempo todo. Isso implica ter uma sensibilidade que transcende a si mesma e assim, trazer a possibilidade da ação como semente de um futuro mais consciente.

O enigma do ativismo é seu maior presente, pois ele exige reconhecer o que é sublime e profundo em uma relação – a relação fenomenológica – que está no cerne de nossa participação para se criar o mundo que habitamos. E assim a fenomenologia se torna – potencialmente – a mais libertadora e revolucionária prática de todas, pois ela apresenta a promessa de (e a realidade de), e a demanda pela (e a responsabilidade pela), liberdade humana. Uma abordagem fenomenológica, que reconhece essa relação recíproca e criativa entre o ser humano e o mundo, exige e promete o tipo de despertar da consciência presente em todas as tentativas de se viver holisticamente na terra e em sociedade. Temos que examinar as maneiras como pensamos e aprender a pensar de maneiras novas para que possamos viver nosso mundo de forma a ampliá-lo e torná-lo adequado para que nele possamos viver.

Podemos aprender muito com nossos erros, mas nesse momento gostaríamos de trabalhar com a história de um processo de mudança social e ambiental que, ao trilhar uma estrada enfrentando as armadilhas do instrumentalismo, lança luz sobre o tipo de ativismo que leva a sério essa noção fenomenológica da relação entre nós e o mundo. Ao descrever seu “empirismo delicado”, Goethe

escreve que algumas observações parecem, de repente, revelar a um só tempo a essência ou o padrão ou o processo ou o fenômeno. Essas são as “instâncias que valem milhões”. Essa história é uma dessas instâncias. É uma história de ativismo como prática ecológica de mudança.

Essa prática foi construída na Cidade do Cabo, África do Sul, durante os primeiros anos após o fim do regime de apartheid. Um relato dessa prática nos é dado aqui através de uma conversa com Tanya Layne, uma figura central, embora não isolada, no processo de trabalho colaborativo nascido de um grupo de ativistas sociais e ambientais. (Na história que se segue, a voz da própria Tanya aparece no texto sinalizada pela fonte em itálico). Esse grupo desenvolveu uma abordagem consciente e intencional para a prática que enfatiza a conversa como sua modalidade primordial. Como a Tanya mesmo coloca, *essa é a mágica ordinária que está por trás da extraordinária profundidade de um projeto, ou de um processo comunitário e ecológico a que chamamos de Cape Flats Nature.*ⁱⁱ

Uma História Delicada

A Cape Flats Nature se perguntou: como cuidar da biodiversidade em um contexto onde há pobreza e desigualdade, onde há uma fragmentação ecológica, social e institucional? A “solução” a que chegamos não é uma receita replicável acompanhada de uma lista de checagem a ser ticada para apoiar o desenrolar das coisas como um tapete de grama pronta para o plantio. O que na verdade emergiu foi uma prática de enxergar e de se engajar nos sistemas sociais e biofísicos de comunidades ecológicas e sociais, dentro e ao redor desses lugares como se eles fossem um todo integrado, procurando entendê-los da mesma maneira holística como funcionam os ecossistemas naturais. A “mágica” não estava no método e no desenho do projeto, embora estes servissem de apoio. A “mágica” estava na qualidade da conversa que éramos capazes de ter e no espaço que criávamos para isso – a “mágica” estava na qualidade da conversa que éramos capazes de estabelecer e no espaço criado para ela – a mágica é ordinária... mas ainda assim, mágica, por ser frequentemente tão elusiva... por ter que contar com uma qualidade de conversa que exige um profundo nível de integridade e confiança na relação que nasce de uma miríade de interações e atividades cotidianas “ordinárias”. A “mágica” dessa prática é essencial se quisermos conservar nossos ecossistemas e nossas comunidades onde quer que elas estejam; e sua simplicidade significa que ela é transferível...

(A frase “mágica ordinária” é muito instrutiva, pois ela traz a noção de que a real “mudança” no ativismo se faz com uma mudança na qualidade e na abordagem. A mudança não está em “algo” diferente a ser feito, mas o que aqui se demanda é um modo diferente de estarmos juntos. Essa mudança na qualidade insiste na ideia de

“prática”, ao invés de “receita”, “guia” ou “modelo” ou “tecnologia social” e na indicação já presente aqui de que ela vê o “sucesso” nas práticas elusivas tais como conversas e relações, mais do que nas mudanças estruturais ou materiais. O modo das pessoas serem e estarem umas com as outras parece ser tanto o meio como o fim para a proteção da biodiversidade – um ponto de partida surpreendente).

Os ecossistemas das Planícies do Cabo da Cidade do Cabo, na África do Sul, já foram um mosaico interminável de dunas e pântanos, agora reduzidos a poucos habitats naturais muito fragmentados e frequentemente degradados, ao menos em parte. Esses fragmentos foram identificados, priorizados e mapeados por agentes de conservação para ao menos garantir a sobrevivência de uma amostra representativa do que essa natureza foi um dia. (Dado que a Cidade do Cabo está situada dentro do menor, porém mais rico e diversificado reino vegetal dentre os seis existentes em nosso planeta, esse é realmente um patrimônio da humanidade).

As planícies do Cabo, após o Apartheid cobriam uma vasta área, significativa por seu alto nível de fragmentação social. A fragmentação era demarcada pelo espaço entre as linhas de trem designadas para separar as comunidades de acordo com a cor de sua pele durante o Apartheid. As Planícies do Cabo começam muito além dessa linha, onde, sob o regime do Apartheid, os “brancos” e muito ricos viviam em frondosos subúrbios nas encostas da Table Mountain. Essa área se estende para as aforas da maior favela da Cidade do Cabo, a mais distante da montanha e das oportunidades econômicas, onde os residentes certamente são “negros”, desempregados, portadores de HIV/AIDS, vivendo

apertados em barracos que se espalham em conjuntos informais, com acesso inadequado a serviços básicos, tais como água, saneamento e eletricidade. Entre esses dois extremos, as comunidades “creole”, como são chamadas os “pardos”, vivem ensanduichadas tanto nesse espaço, como nas escalas de iniquidade, estando a maioria muito mais próxima dos seus concidadãos negros do que gostaria. A fragmentação deixa suas marcas no tecido social com a atuação de gangues, com os altos níveis de uso de entorpecentes e de crimes de violência, além dos níveis extremos de pobreza. Desde o advento da democracia em 1994, as pessoas viviam nessas diversas comunidades como cidadãos iguais perante a lei, mas tanto o espaço quanto as fraturas menos tangíveis de discriminação e iniquidade mostraram-se mais difíceis de serem remendadas, reparadas, transformadas.

O trabalho do setor de conservação da natureza na Cidade do Cabo refletia a fragmentação social da cidade. A prática de conservação até então estivera direcionada apenas para a conservação do *fynbos* (vegetação típica da região) da Table Mountain e para sua bela península através do engajamento das ricas comunidades “brancas” que circundavam a montanha. *Historicamente, essa prática estava focada em proteger a natureza das pessoas, vendo as pessoas como sendo separadas da natureza e primordialmente como uma ameaça à natureza. Globalmente, a prática de conservação tem dado uma ênfase exagerada na conservação de espécies ao invés de promover um funcionamento ecológico saudável.* Assim, toda a abordagem ambiental fora marcada pela ausência de uma percepção de complexidade, de interconexão, do constante movimento dos processos vivos. Ela sempre focalizou as partes



ao invés do todo, as coisas ao invés dos processos, a separação ao invés da integração – efetivamente mantendo a fragmentação espelhada nos níveis ecológicos e sociais. (O tecido social espelha a imagem do meio ambiente – totalidade e cuidado de um lado, fragmentação e abuso de outro; uma comunidade salvaguardada, a outra sofrida e ignorada. Essa é a imagem de uma relação, não apenas entre comunidades diferentes, mas entre a comunidade das pessoas e a da natureza. Parece que afinal não estamos tão separados assim da natureza, embora nossas ações pareçam ter essa separação como premissa).

Dentro desse contexto histórico fragmentado, cujo reflexo era também visível nas instituições estaduais responsáveis pelo manejo dos sistemas naturais daquela área, a Cape Flats Nature foi constituída por ativistas sociais e ambientais que defendiam a idéia nova e radical de que as pessoas são parte da natureza e devem ter um papel (uma participação ativa) na conservação e melhoria do meio ambiente. Esses ativistas almejavam a integração, a integridade em vários níveis – entre as pessoas e a natureza, entre comunidades, entre indivíduos de várias organizações e departamentos que, por sua vez, buscavam encontrar um caminho para trabalhar juntos apesar das divisões e dos controles. Eles exercitavam a delicadeza, a nuance, a abertura, com coragem e vulnerabilidade, para abrir novos caminhos em que as perguntas tomavam o lugar das respostas.

A intenção que pôs a Cape Flats Nature no mundo não era nada menos fundamental do que virar de cabeça para baixo o modo de se ver o mundo. Ao invés de “conservar a biodiversidade”, que até então havia sido o grito

de guerra de todo o trabalho ligado a meio ambiente, a proposta era de ajudar a tornar a natureza acessível (e significativa) para todos. Para muitos, a intenção real desse ativismo ainda não era enxergada e *nem poderia ser vista* porque ela não era nem capaz de ser sequer pensada. Os mais conservadores permaneceram motivados pelos seus pressupostos e pelo objetivo de conservar os recursos da biodiversidade. Para eles, o trabalho da Cape Flats Nature se limitava a conseguir “entrar” na comunidade para remover as “ameaças” que as pessoas representavam para as reservas naturais e, no nível político, persuadir os tomadores de decisão de que a biodiversidade valia o seu investimento. Mas na verdade, o trabalho, como Tanya o descreve, era *construir relevância, construir um sentido para a vida cotidiana de pessoas comuns vivendo ao redor de reservas naturais, contribuindo para o que fosse de importância para as pessoas daquele lugar e fazendo isso de forma a fortalecer os processos comunitários locais. Era um trabalho que envolvia tanto o atendimento das necessidades da comunidade através da conservação da natureza, como a facilitação de ações de conservação como uma parte da vida em comunidade. Significava construir uma compreensão de como os sistemas naturais sustentam a vida em nossas cidades, significava compreender como as pessoas precisavam vivenciar isso de maneira tangível; as próprias pessoas precisavam se tornar algo diferente. Isso desafiava a noção arraigada entre os conservacionistas tradicionais de que “a biodiversidade vem em primeiro lugar” ao tentar facilitar um cuidado entre os cidadãos que tinham que entender por si próprios como seria viver sendo parte dos processos naturais, melhorando sua qualidade*

de vida ao ganhar intimidade com esses processos. (Um interessante exemplo do mundo “surgindo a partir da conversa” descrito antes).

Esse trabalho ativista – o trabalho de mudar a consciência e as relações em vários e, quase sempre, conflituosos, níveis – realizado não através da tentativa de coagir e convencer, mas oferecendo abertamente oportunidades de um real engajamento, desafiava cada um dos órgãos dos corpos de ativistas. Os enigmas do ativismo passaram a ser seus companheiros de jornada. A Cape Flats Nature começou com uma aliança de visão entre os conservacionistas radicais e os ativistas sociais oriundos dos movimentos dos trabalhadores e do anti-apartheid. Ela foi iniciada com um processo participativo de elaboração de projeto e uma prática de campo voltada para o estímulo de ações de conservação na comunidade, baseadas na experiência de organização de grupos sociais. O processo foi estabelecido ao redor de uma questão central para a qual muitos lutavam para encontrar uma resposta: *como conservar a biodiversidade em um contexto de pobreza extrema?* Por ser uma pergunta e não uma resposta ou um programa havia liberdade para se abordar o trabalho de modo exploratório, incluindo no processo o imperativo de se aprender com ele. E, mais uma vez, o grupo podia partir da experiência de ativismo das organizações locais para ir construindo, camada por camada, a liderança dentro de um contexto em que as condições eram muito desafiadoras e se alteravam rapidamente; partir da realidade local e específica, baseada em uma leitura única de cada uma das comunidades envolvidas, realizada juntamente com os atores dessas comunidades.

Assim, uma rudimentar prática de aprendizado organizacional foi trazida para a construção de parcerias comunitárias. Ela também foi trazida para dentro do grupo de mentores de uma equipe de jovens conservacionistas então contratados para serem os primeiros gestores das reservas naturais das Planícies do Cabo. Estes haviam recebido um treinamento convencional que incluía o cuidado de plantas e animais, mas naquele momento eles estavam sendo chamados a construir uma prática que atendesse tanto a fragmentação ecológica quanto a social (consideradas como um todo).

Com tudo isso, os engajamentos e as articulações da prática da Cape Flats começaram a tropeçar em alguns dos enigmas do ativismo. As pessoas dessa organização estavam profundamente comprometidas com uma visão e uma prática sem precedentes, que eles não sabiam se funcionaria, embora intuitivamente acreditassem que sim. Então houve momentos em que elas tropeçaram feio. Elas alienaram das conversas os oficiais conservadores através de críticas violentas e estridentes, através da presunção ao não dar o devido crédito à dedicação desses oficiais e seu compromisso de tantos anos com o cuidado, proteção e manutenção da saúde dos ecossistemas. Esse antagonismo levou à polarização, obstruindo, ironicamente, o espaço para transformação. Elas se vangloriaram, promoveram, postularam o sucesso de seu trabalho antes de realmente terem sido capazes de demonstrar qualquer coisa significativa, em busca de ganhos políticos de curto prazo e de fundos. Elas impingiram suas pautas, às vezes até passando por cima dos processos de diálogo que lhes eram tão caros. A luz de suas convicções incandescentes



também revelava os seus lados obscuros – um tipo de impulsividade que facilmente pode transformar um ativismo radical no tipo de conservadorismo fundamentalista contra o qual se está lutando.

A Cape Flats Nature ainda não tinha percebido – e nem conseguido articular – o valor de sua própria prática. As pessoas estavam tão ocupadas tentando demonstrar o que era possível, que os processos de organização social e de aprendizado tornaram-se inacessíveis tanto para elas próprias quanto para as instituições que queriam transformar.

Ainda assim, toda vez que elas passaram dos limites, foram salvas e aprenderam um pouco mais graças às observações e conversas profundas que mantinham – como uma prática em desenvolvimento – tanto dentro da equipe quanto entre a equipe e as outras pessoas com as quais elas trabalhavam. A cada vez que elas conseguiam retroceder diante do risco de se tornarem mais uma tentativa ativista que acaba presa ao modo convencional de fazer as coisas (o que era alcançado graças a sofridos processos de auto-reflexão), a prática ativista da Cape Nature melhorava incommensuravelmente, permitindo que ela entrasse cada vez mais e mais profundamente nas situações em que atuava, de tal modo que a mágica ordinária de sua presença acabava surtindo efeitos impressionantes. Ao trabalhar desta maneira, as pessoas não estavam sendo menos ativistas ou menos delicadas; elas procuravam manter o rumo mesmo no escuro, tropeçando bastante, até outra vez conseguir chegar à luz para então conhecer a real delicadeza do caminho de ativismo que estavam trilhando.

Então, a Cape Flats Nature usou sua primeira avaliação para articular sua prática e sua intenção, já presentes em sua visão fundadora. Nascente no trabalho de campo inicial, essa prática ainda corria o risco de se perder nos meandros do modelo institucional (ainda que este fosse contestado) em que ela existia. Os princípios fundamentais de sua prática e da relação com a natureza foram trazidos à tona e expressados, fortalecidos pelo processo de compreensão. O processo de avaliação trouxe para o primeiro plano as práticas de escuta, de reflexão interna (não apenas reflexão estratégica) e a necessidade de um envolvimento diferenciado com as instituições locais do governo e de conservação (instituições estas que se tornaram um foco da prática e não mais apenas “beneficiários” da comunidade). Foi esse o ponto de virada que pôs a Cape Flats Nature no rumo do desenvolvimento de uma prática mais articulada, capaz de integrar essa abordagem de intervenção e reação de maneira mais consciente e sistemática.

Ao ser capaz de articular com maior clareza sua própria visão, o espaço se abriu – tanto dentro do grupo como na relação com os parceiros das comunidades e das instituições – para a inovação e a criação de métodos mais congruentes com uma prática orgânica que possibilitava a realização de um trabalho dotado de maior clareza, sensibilidade e habilidade incorporada.

Na medida em que o projeto se fortalecia ao ser capaz de se entender e se articular, os gestores de conservação iam melhorando suas habilidades de lidar com polaridades complexas presentes nos diferentes aspectos do desempenho de suas funções e com as diferentes formas

e lugares de prestação de contas. Eles tinham que ser ativistas e, ao mesmo tempo, gestores convivendo com maneiras de prestar contas contraditórias (para as comunidades e para seus empregadores); eles tinham que trabalhar tanto com plantas, quanto com animais e pessoas.

As observações de Tanya a respeito dessa prática emergente são ilustrativas. *É uma interface delicada, muitas vezes expressa duramente como se fossem opostos. Não se pode falar de um jeito certo e outro errado, temos que encontrar um caminho dentro do contexto específico daquele momento e adaptar o caminho na medida em que o tempo passa e o contexto muda. Não estamos em busca de uma fórmula específica, mas sim tentando ampliar nosso grau de conscientização.*

Entendemos que o que nos estava sendo pedido é que entrássemos em cada comunidade com humildade, abertos para o fato das pessoas conhecerem, compreenderem e valorizarem a natureza de uma maneira diferente da nossa e diferente do que estava representado nos mapas em que foram determinadas as nossas prioridades. Ao mesmo tempo, essa compreensão nos pedia para que fôssemos honestos e explícitos sobre nossos propósitos, sobre o mandato conservacionista com o qual trabalhávamos, sobre nossa paixão pela natureza e tudo que ela tem a oferecer. A autenticidade parecia estar justamente no acolhimento da polaridade.

O foco nas conversas entre as comunidades e dentro das comunidades, entre as comunidades e os profissionais, entre as pessoas e a natureza, entre ecologias que incluíam pessoas e natureza, era um processo mágico, nunca uma técnica ou uma tecnologia, nunca um procedimento ou um exercício. Se visto superficialmente, fica difícil de distinguir

esse processo mágico da adesão alcançada junto às partes interessadas. A diferença é quase imperceptível, ela deriva de uma silenciosa dignidade subjacente outorgada pela intenção comum e pelo respeito à diversidade nas nossas relações com os parceiros da comunidade. Talvez a diferença tenha algo a ver com respeito e amor pelo processo, ao invés do viés mais instrumental, sinalizado pelo uso da expressão “adesão”, cuja ênfase está orientada para metas – uma vez que ficou claro que, em processos sociais, a meta não poderia ser nada além de um meio. Estamos falando de algo relacionado à proximidade, intimidade e presença não mediada.

Mais fácil falar do que fazer... especialmente quando se está tentando realizar algo sem o uso de meios utilitários, sem manipular o mundo, mesmo que seja de maneira benigna. É querer trabalhar para permitir que um futuro escolhido com mais consciência e participação possa emergir. É difícil mesmo entender a diferença entre um ativismo que “age sobre” – de fora – de um ativismo que “parte de” – de dentro.

A complexidade era (e continua sendo) imensa. O trabalho tem que ser feito junto com as comunidades para ajudá-las a se engajar. O trabalho deve ser feito com os agentes de conservação e os funcionários públicos, para ajudá-los a se engajar. O estado das reservas naturais das planícies do Cabo tem que mudar, elas precisam ser protegidas (conhecidas? amadas?) e cuidadas pelas comunidades que as cercam (mais do que pelos órgãos oficiais). Para isso, essas comunidades têm que participar da vida das reservas. Mas isso é um processo gradual e, frequentemente, contraditório, cheio de revertidas e ironias, pois as comunidades



“uma atividade intencional que tateia em busca de seu caminho através do questionamento”

TANYA LAYNE

só irão participar quando aprenderem a participar e isso só acontece participando. E ainda assim cabe aos órgãos oficiais gerirem as reservas mesmo quando a necessidade de gerenciar for deixada de lado. Esse tipo de mudança não pode ser legislado, ele tem que ser vivenciado, porque sua intenção é mudar a relação entre as pessoas e a natureza, entre os diferentes grupos de pessoas e suas ligações particulares com a natureza, entre os diferentes grupos de pessoas e suas ligações entre si; tudo isso tem a ver com a metamorfose das relações, com a reviravolta gradual e quase imperceptível das múltiplas relações, delicadamente, de dentro para fora.

Isso exigia que nós e nossos parceiros realmente nos conhecêssemos para que as conversas difíceis acontecessem frente a frente e também para que pudéssemos lidar com as difíceis questões que surgiam na medida em que implementávamos juntos as atividades. Portanto as práticas por si só talvez fossem mesmo muito simples, mas o envolvimento que acontecia ao redor delas era mágico. E essa mágica não era um mar de rosas sem tormentas de todo tipo. Ela era fruto dos desafios de se trabalhar as coisas a fundo com o compromisso profundo que isso demandava. Ironicamente talvez possamos dizer que as coisas eram mágicas por serem reais, e não forjadas de alguma maneira. Elas eram, na verdade, hiper reais; reais não simplesmente por terem uma vida interna vigorosa e autêntica, mas reais no sentido de terem sido vivenciadas estando-se presente para elas (através da reflexão), o que é

diferente da experiência de passar pelas coisas; como quando deixamos de ver as flores porque nossa mente está ausente, preocupada com coisas não presentes. Nesse sentido, havia também uma junção do ecológico e do social formando um todo menos fragmentado, pois assim como nós tínhamos a esperança de que as pessoas comessem a ver o valor e a beleza da natureza, nesse movimento elas começaram a ver também o valor e a beleza do processo social como uma forma de totalidade ecológica. Elas estavam começando a perceber o esforço exigido para se manter um ambiente vivo em todos os níveis, através da magia e do desafio de se prestar atenção.

Como aponta Tanya: Para quem via de fora, os resultados pareciam sempre mágicos, como uma teia de proteção milagrosamente tecida onde antes havia apenas guardas florestais solitários em seus uniformes cáqui à beira do desespero. Começamos escutando, queríamos **compreender**. Não estávamos trabalhando em prol de um conjunto de princípios e diretrizes, não tínhamos uma fórmula ou um manual para serem usados de guia. Estávamos fazendo o que nos parecia fazer sentido, porque de certa maneira nós sabíamos que tínhamos que praticar aquilo que queríamos ver emergir. E assim praticávamos simples atos de humanidade e comunidade – como conversar, ouvir profundamente, respeitar o que era e o que tinha sido, reconhecendo que tudo o que havia era tanto uma semente do que nasceria, quanto o produto do que havia

sido antes. Nós nos dedicamos a prestar atenção, a prestar atenção à vida que estava se alterando e mudando ao nosso redor o tempo todo, e às interconexões entre as coisas. Não porque tivéssemos ideias sobre uma “prática melhor”, mas simplesmente porque queríamos nos relacionar como seres humanos integrais.

Esse espírito de aprender e compartilhar, da conversa constante, do retorno contínuo aos fenômenos aos quais estávamos, coletivamente, prestando atenção – para evitar as abstrações verborrágicas e regulamentações – tudo isso continha o significado exato daquilo com que nós todos estávamos envolvidos. A comunidade de alguma maneira sabia, intuitivamente, que esses processos seriam cruciais para sua transformação, para o movimento de integração do todo formado pelo social e pelo ecológico; que esses os levariam muito mais longe do que quaisquer regulamentos administrativos, planos de intervenção, objetivos estabelecidos ou modelos estruturados jamais conseguiriam. ■



O Milagre da Simultaneidade – Uma Dinâmica Delicada

“... sabíamos que tínhamos que praticar o que queríamos ver emergir, e então praticávamos simples atos de humanidade... reconhecendo que tudo o que havia era tanto uma semente do que nasceria, quanto o produto do que havia sido antes.” TANYA LAYNE

A OBSERVAÇÃO GENUÍNA E A ATENÇÃO realmente focada em um fenômeno sempre revelam coisas que não havíamos visto ainda ou compreendido antes, independentemente de quanto contato já houvéssemos tido com ele até então. A observação simples, porém rigorosa, é um exemplo de “mágica ordinária”. Não há nada de esotérico nisso, mas ainda assim mergulhamos em um mundo vívido cuja profundidade e vida transformam o ordinário em magia, sem que contudo ela seja menos ordinária. Portanto, quando pensamos sobre a prática descrita nas páginas anteriores, podemos ver apenas outro exemplo de uma boa prática, sem nenhuma particularidade radical. Mas, se observarmos mais de perto talvez seu sentido comece a emergir, algo que diz respeito ao significado de “mágica ordinária”.

Vamos começar olhando para o que realmente aconteceu. Ninguém está dizendo que as comunidades, ou o estado da biodiversidade, ou os funcionários de conservação e seus departamentos tenham vivido uma epifania extraordinária e que os problemas complicados e intrincados tenham sido milagrosamente resolvidos. Não: a pobreza ainda persiste, assim como o advento das drogas, das lutas entre gangues, a banalidade das rotinas e procedimentos burocráticos, o elitismo conservacionista e

fundamentalista; a própria natureza continua ameaçada. Ainda assim, muita coisa mudou e continua se transformando, gradualmente ganhando impulso, em pequenos estágios e fases que afetam e são afetadas entre si, mas que fazem sentir que uma abordagem diferente em relação à vida, que algumas sementes de uma comunidade diferente, podem estar começando a emergir.

Existem mudanças acontecendo nas comunidades, em suas relações entre si e com o meio ambiente em que vivem. Elas estão gradualmente começando a tomar para si a responsabilidade de cuidar de alguns bolsões de natureza onde vivem, e têm feito isso ao prestar atenção, ao começar a apreciar esses mundos antes marginalizados e desconsiderados em seu meio. E, no processo, eles estão passando a conhecer um novo tipo de respeito pelo outro. As pessoas que têm participado e se envolvido estão começando a considerar o outro com o mesmo respeito e apreciação que há tanto estavam ausentes. Fica claro que a “teia de proteção que foi milagrosamente tecida”, na verdade está sendo fiada pelas próprias pessoas prosperando em seu âmbito.

E os agentes de conservação ambiental, através de suas interações com a comunidade e através de seu trabalho

com os gestores comunitários de conservação, também começaram a se transformar e a transformar suas práticas e sua maneira de ver sua função. A própria noção de conservação começa a mudar seu significado diante do reconhecimento da observação crescente de que a vida não viceja ao ser preservada, ao se tentar manter as coisas como elas são, mas sim ao se abrir para mudanças, ao permitir a evolução, através da interação e a formação de novas relações... a natureza não precisa ser conservada, ela precisa ser *enxergada, reconhecida, honrada e respeitada*. Toda a relação entre os conservacionistas e a natureza começou a mudar na medida em que as relações da comunidade com eles e com a natureza começaram a mudar – tudo está se abrindo, revelando uma nova possibilidade. Uma sensação de liberdade e mobilidade nas relações começa a se manifestar. Os elementos tornam-se porosos.

Em todas essas mudanças, o meio ambiente é um personagem central tanto quanto qualquer outro nessa comunidade mais ampla de relações. E a natureza tem sido uma das facetas principais das mudanças ocorridas. Na vida desse processo, nunca ninguém se referiu à natureza como uma “coisa” a ser “salva”, muito pelo contrário. A natureza tem sido considerada como algo vivo, um

organismo inteiro – como muitos organismos – com sua integridade e dignidade própria, merecedora de respeito, de escuta, com intenção (a habilidade de intencionar), assim como todo organismo. Tratar a natureza dessa maneira não só mudou a maneira de abordá-la e com ela se relacionar, mas também permitiu que a natureza fosse recíproca, retribuindo ao ajudar as comunidades que com ela se envolviam, a se constituir. Tornou-se óbvio para todos os envolvidos nessa história que o mundo natural não é algo passivo que está lá parado precisando de nossa proteção. A natureza nos protege, ela é ativa ao nos propiciar um modo de ser que nos muda... a todos, a tudo que é *tocado* – ao mesmo tempo.

E nessa última frase – *ao mesmo tempo* – está a chave para um dos aspectos mais mágicos e radicais do processo de transformação, a noção surpreendente e desafiadora de *simultaneidade*. Porque nesse momento central dessa história, tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Lógico que há uma seqüência ao longo do tempo – falamos de uma transformação gradual e afinal, certas coisas vêm antes de outras – mas estamos nos referindo à simultaneidade no sentido de que cada mudança que está tendo lugar em determinado momento, está acontecendo *ao mesmo tempo* que as outras mudanças. Enquanto os “gestores” de conservação da comunidade fazem “interface” com suas próprias comunidades e com os agentes conservacionistas estatais, os três vão mudando nessa dança miraculosa de simultaneidade porque um afeta o outro, cada um é, ao mesmo tempo, tanto uma “causa” quanto um “efeito” da mudança dos outros. E assim eles não são nem causa nem efeito, já que cada um é visto de maneira diferente pelo outro, tornando-se diferentes e, portanto,

Enquanto os “gestores” de conservação da comunidade fazem “interface” com suas próprias comunidades e com os agentes conservacionistas estatais, os três vão mudando nessa dança miraculosa de simultaneidade porque um afeta o outro, cada um é, *ao mesmo tempo*, tanto uma “causa” quanto um “efeito” da mudança dos outros. E assim eles não são nem causa nem efeito, já que cada um é visto de maneira diferente pelo outro, tornando-se diferentes e, portanto, vendo o outro de maneira diferente. É dessa dança que somos convidados a participar, a dança da realidade, a dança da vida, a única maneira através da qual a transformação ocorre: simultaneamente.

vendo o outro de maneira diferente. É dessa dança que somos convidados a participar, a dança da realidade, a dança da vida, a única maneira através da qual a transformação ocorre: simultaneamente.

A natureza radical da mudança é realçada e vividamente iluminada pelo processo ocorrido nessa história. Quando uma coisa muda, a outra também muda. Quando uma das partes vê o mundo de um jeito diferente, o mundo muda e assim aquele que o viu diferente muda na medida em que o mundo muda; e tudo isso está acontecendo gradualmente, ao longo do tempo, mas tudo ao mesmo tempo. O mundo muda através de nossas mudanças e nós mudamos através das mudanças do mundo. Essa é uma fenomenologia da mudança e reflete as afirmações feitas anteriormente quando falamos da compreensão fenomenológica: “nós trazemos algo para o mundo e ele retribui e essa relação é tão cheia de contradições e complexidades aparentes que ela se torna quase algo mágico e sublime”. Ainda assim... “esse estranho *surgir através da conversa* é o mundo real, afinal”.

O que isso significa então para o ativista, para aquele que faz uma intervenção? Nós vimos como o processo de mudança é “mágico”. Ele não pertence a lugar algum, mas está em todo lugar; ele não pertence a um protagonista, mas a todos; quando algo muda, tudo muda e até mesmo aqueles que resistem às mudanças acabam sustentando uma situação moribunda para todos, não só para si próprios. Como um ativista pode trabalhar com tal complexidade, com tal dinâmica viva? Bem, de acordo com a história contada acima, é através do envolvimento, não é *tentando mudar diretamente* o mundo ou uma parte dele, mas sim prestando atenção a como o mundo é, notando como ele se expressa e então *tentando envolver o mundo*

em um diálogo consigo mesmo (e conosco) para que ele se revele para si mesmo e assim mude por se enxergar de uma maneira diferente. Em outras palavras, encorajando a simples, ordinária e sublime arte da conversação.

Chegar como o “expert” que sabe como planejar uma intervenção para atingir determinadas metas é negar os fundamentos fenomenológicos de mudança sobre os quais temos falado. Não apenas porque um grupo de ativistas desses não estaria entre os outros da comunidade como igual (aberto a mudança, engajado em uma verdadeira conversa aberta para mudar de perspectivas, prestando atenção, aprendendo a partir da observação), mas também porque a sua relação, dentre todas as existentes, possivelmente será uma das mais recalcitrantes a mudanças. Entrar para trabalhar com uma dentre as várias comunidades, ou com somente um aspecto dela – seja uma reserva natural, as comunidades que a cercam, os agentes de conservação ou sua burocracia – nega a natureza simultânea da mudança latente no todo de um organismo vivo e presume a existência da linearidade e do processo de causa e efeito em mudanças. Chegar provendo recursos ou se envolvendo em projetos de tempo determinado voltados para mudanças materiais é ignorar que o *locus* de mudança está nas relações entre os membros desse todo, e não em suas partes. Chegar para fazer pesquisas para serem usadas como suporte para *lobbies* e defesa de direitos para ajudar alterações nos modelos de políticas e nos métodos de implementação é presumir que a situação pode ser mudada de fora – pelo ativista, pela estrutura, por um conjunto de regras e regulamentos, por intervenções planejadas.

Mas, como ativistas, nós realmente fazemos as coisas citadas acima. Então o que foi que esse grupo fez de

diferente? Bem, eles fizeram todas essas coisas em um ou outro momento – afinal nenhuma dessas ações pode ser deixada de lado – mas sempre como resposta a uma compreensão específica que informa um modo particularmente ecológico de se trabalhar. E chegar a essa compreensão não é algo nada fácil.

(Uma vez compreendida, parece que começamos a ver a simultaneidade por todo lado. O aprendizado profundo talvez surja como uma revelação, mas ele também é a confirmação de algo maior dentro de nós que nos mostra que não sabíamos que sabíamos). O grupo parece ter começado com certos palpites sobre o terreno no qual estavam entrando e esses palpites, atuando como intenções, funcionaram como um fermento permitindo que a prática emergisse para então refletir suas intenções originais, aprofundando-as e tornando-as mais robustas e vivas através desse aprofundamento. Um desses palpites era a percepção de que por estarem lidando com um mundo vivo e complexo de relações intrincadas, em que um todo vivo tudo está afetando tudo mais e tudo está em constante fluxo de mudança (uma noção básica da ecologia para os que trabalham com processos naturais), então eles mesmos eram parte desse todo complexo no qual estavam “intervindo”, portanto o todo reagirá (“emergirá, surgirá”) exatamente da mesma maneira como eles trabalharam no processo. Isto é, eles não podiam fazer nada para ninguém a fim de gerar mudança; o futuro emergiria a partir do modo como eles atuassem no presente, do modo como fizessem seu trabalho, a partir do foco escolhido e, especialmente, a partir de como eles viam as coisas. Como disse a Tanya, *nós sabíamos que tínhamos que praticar aquilo que queríamos que emergisse e assim praticamos simples atos de humanidade.* Em outras palavras, eles decidiram praticar

O que isso significa então para o ativista, para aquele que faz uma intervenção? Nós vimos como o processo de mudança é “mágico”. Ele não pertence a lugar algum, mas está em todo lugar; ele não pertence a um protagonista, mas a todos; quando algo muda, tudo muda e até mesmo aqueles que resistem às mudanças acabam sustentando uma situação moribunda para todos, não só para si próprios.

Como um ativista pode trabalhar com tal complexidade, com tal dinâmica viva? Bem, de acordo com a história contada acima, é através do envolvimento, não é *tentando mudar diretamente* o mundo ou uma parte dele, mas sim prestando atenção a como o mundo é, notando como ele se expressa e então *tentando envolver o mundo em um diálogo consigo mesmo (e conosco) para que ele se revele para si mesmo e assim mude por se enxergar de uma maneira diferente*. Em outras palavras, encorajando a simples, ordinária e sublime arte da conversação.

“humanamente” (embora eles tivessem que descobrir o que isso significava, que isso implicava ouvir e respeitar o outro, agindo “a partir de” e “em direção à” dignidade e à integridade, e assim por diante).

Sem saber o significado exato de “praticar simples atos de humanidade” e sem saber realmente como lidar com as complexidades que tinham diante de si, eles sabiam que tinham que se embeber de uma *atitude* de observação (e aprendizado). Toda interação, todo ato, toda relação era sujeita a um intenso escrutínio. Eles sabiam que não podiam simplesmente entrar para mudar outros. Ao invés disso, eles tinham que entrar com uma abordagem que contemplasse uma abertura para aprender a sua prática a partir da situação na qual estavam praticando. Esta aparente contradição não pode ser simplesmente afastada se o desejo do profissional de desenvolvimento social é o de trabalhar com processos de mudança complexos. Essa contradição tem que ser sustentada com integridade pelo profissional de desenvolvimento.

Pois toda situação é absolutamente única e toda situação é viva. Portanto eles sabiam, mas o que eles sabiam acima de tudo é que eles não sabiam. Eles se dedicaram a observar e a conversar. Tudo que eles observavam era compartilhado, tudo que eles aprendiam mudava o que vinha a seguir, e assim eles continuavam mudando na medida em que enxergavam um novo aspecto do fenômeno, da situação diante deles. O esforço maior estava em se manter aberto e intencionado (simultaneamente). Então ao invés de trabalhar de modo planejado em direção a um objetivo ou meta, eles trabalhavam responsivamente, mas a partir de suas mais profundas intenções – para permitir que o todo encontrasse sua integridade, não importando o aspecto que ele tivesse.

(Tanya nota que eles nunca tinham certeza de nada, que a riqueza da prática está justamente no lugar da dúvida; eles estavam constantemente inquirindo para descobrir qual era realmente sua prática até que eventualmente passaram a enxergá-la como “uma atividade intencional que tateia em busca de seu caminho através do questionamento”).

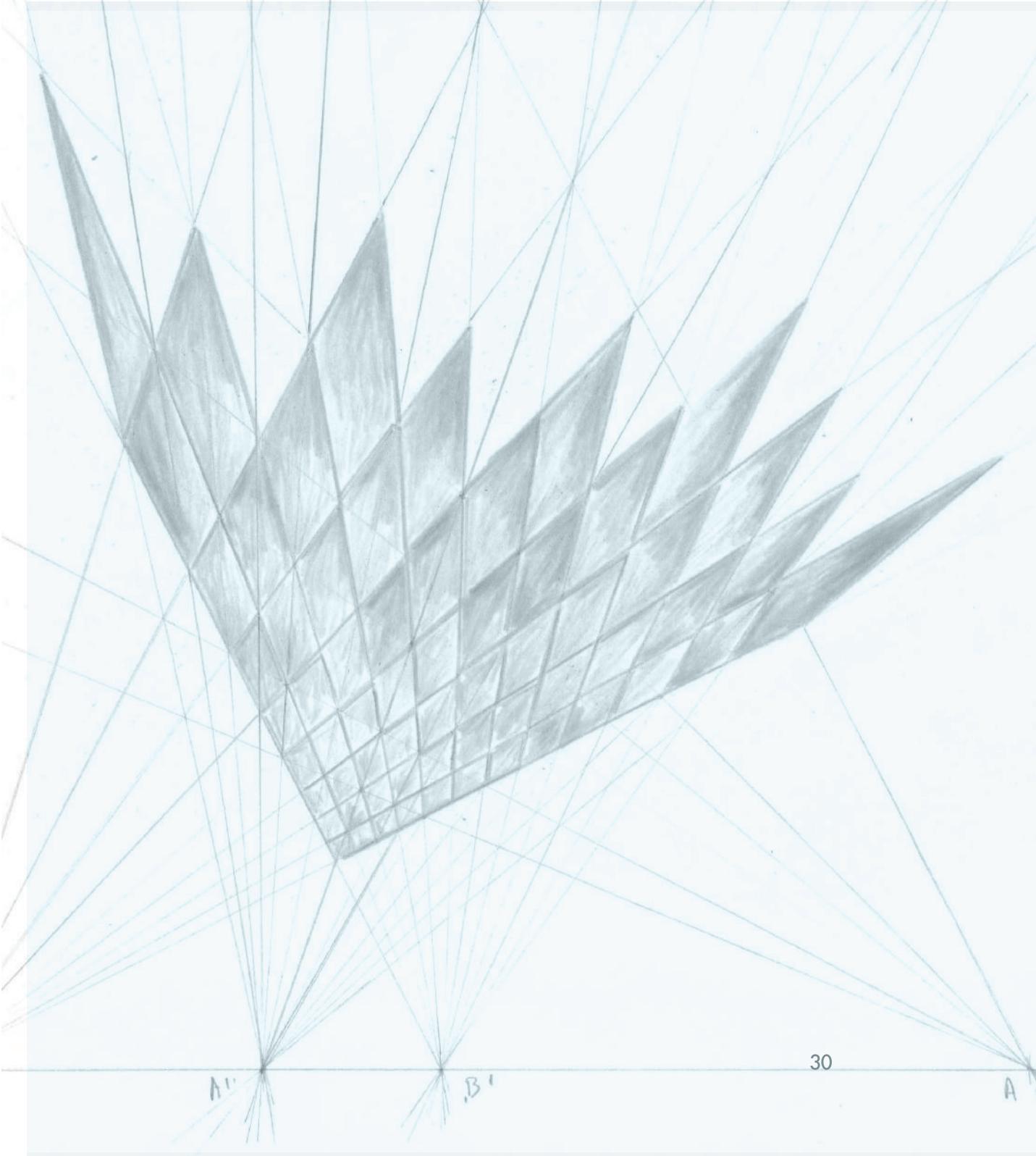
Sabendo que eles estavam trabalhando o todo também significava nunca tirar os olhos – literalmente, usando suas faculdades de observação – de toda a miríade de relações que torna o todo o que ele é. Seus sentidos passaram a ficar sintonizados nas *mudanças nas relações*, as muitas mudanças nas várias relações. E talvez eles tenham aprendido o que intuitivamente eles já sabiam: que todas as relações mudam se uma mudar, e que as teias de relações estão interligadas tornando impossível diferenciar causa de efeito, portanto eles tinham que manter os olhos nisso tudo ao mesmo tempo. Realçar e trazer para o primeiro plano as relações, significa que a transformação das relações se torna a essência de toda prática ativista, e isso deixa transparecer que transformação, de fato, *significa* mudança de relações. É tudo tão óbvio e inesperado! Nossa tendência é manter os olhos voltados para as coisas, mas as relações invisíveis vistas inadvertidamente pelos cantos de nossos olhos são tanto o meio quanto a meta do ativismo direcionado para mudanças.

A Cape Flats Nature, em sua intensa prática de observação, tinha os olhos voltados não apenas para o lugar onde havia chegado, mas também para o caminho que a levou até lá, para os processos e não apenas para os produtos (ou os resultados ou retornos quantificáveis). E por “saber” desde o início que seu “jeito de ser e trabalhar” – sua prática – teria um papel significativo na mudança (ou não) do

todo, eles observavam seus próprios processos com maior intensidade do que qualquer outro. A Cape Flats Nature estava sob o escrutínio da Cape Flats Nature, constantemente, inexoravelmente. O rigor e a coragem dessa prática disciplinada de auto-observação destacam-se como uma das práticas centrais que lhes permitiu fazer o que fizeram, juntamente com uma (inquietante) compreensão sobre a observação em si – o que tem importância primordial não é o aprendizado que pode surgir da observação, mas a prática da observação em si. É a *atividade de observação* que transforma (o aprendizado está no *ato de observar*, mais do que naquilo que está sendo observado). É nessa atividade de observação que as pessoas mudam.

Talvez tenha sido esse o ingrediente ativo da “mágica ordinária” que possibilitou a transformação. É primordialmente daqui que deriva a força da prática ativista – não daquilo que se faz para uma situação – mas através de como o ativista observa essa situação (e a si mesmo nessa situação). Existe, sim, uma intervenção, existe atividade (observar também é um “fazer”); mas a atividade é uma *receptividade ativa*, o exato reverso do que normalmente imaginamos ser central em uma intervenção efetiva. Logicamente há uma participação em muitas atividades, mas no cerne de todas elas está essa receptividade ativa, essa qualidade observacional, essa abordagem reversa; essa abertura para *ser mudado*, por parte do ativista, mais do que a martelada insistência para se efetivar mudanças no outro ou na situação.

E bem no coração dessa transformação miraculosa, outra observação sobre o poder do observar arrebatou os ativistas da Cape Flats Nature. Eles notaram que na medida em que mais e mais pessoas e grupos passavam a observar ativamente, prestando atenção a si mesmos e aos outros,



Toda interação, todo ato, toda relação era sujeita a um intenso escrutínio. Eles sabiam que não podiam simplesmente entrar para mudar outros. Ao invés disso, eles tinham que entrar com uma abordagem que contemplasse uma abertura para aprender a sua prática a partir da situação na qual estavam praticando. Esta aparente contradição não pode ser simplesmente afastada se o desejo do profissional de desenvolvimento social é o de trabalhar com processos de mudança complexos. Essa contradição tem que ser sustentada com integridade pelo profissional de desenvolvimento.

o antagonismo limitante que caracterizava as relações até então caiu por terra, se dissolveu, evaporou como neblina. Isso foi uma revelação para os profissionais de desenvolvimento, expressada por eles ao exclamarem: “*para a pessoa que realmente está prestando atenção, não existem adversários!*”. Se tudo isso tem a ver com relacionamentos, se você estiver em busca de inteireza, e se *realmente quer enxergar o que está acontecendo*, então todo elemento, todo aspecto é parte daquilo que você tem que escutar, nada pode ser ignorado; e então não há realmente lugar para adversários, para uma abordagem adversária! Esse é um jeito diferente de se enxergar o ativismo. No lugar de uma constante reatividade – e considerando-se com seriedade essa compreensão da simultaneidade – a delicadeza da dinâmica em que as partes são relacionadas dentro do todo demonstra que cada parte e cada momento é, sob certo sentido, algo sagrado, relacionado – e implicado.

Dada essa imagem de simultaneidade, da miraculosa delicadeza da dinâmica que desdobra o todo, temos que a real “intervenção” que abre a situação para mudanças é a

muito simples e humana arte de conversar. Ao se iniciar uma conversa, cada protagonista é chamado a se abrir para enxergar a situação de um modo diferente, a aprender sobre o outro, e na medida em que isso é feito, a situação muda (na verdade ela já está diferente desde quando foi vista de maneira diferente), e na medida em que a situação se abre, cada protagonista se abre e a situação começa a se transformar. A conversa – um tipo de *reciprocidade viva de observação* – era, e é o cerne da prática ativista da Cape Flats Nature (embora como projeto a Cape Flats Nature tenha deixado de existir, sua prática continua e continua a transformar as relações entre comunidades e a natureza das Planícies do Cabo). Essa é a “mágica ordinária” de um ativismo delicado, reflexivo. Não estamos dizendo que toda conversa possibilitará a mudança de uma situação, ou que a conversa por si só sempre mudará as situações, mas sim que, se a transformação tiver que acontecer, ela acontecerá através das mudanças simultâneas de todas as relações (mesmo que imperceptíveis) – que é a situação conversando consigo mesma.

Talvez tenha sido esse o ingrediente ativo da “mágica ordinária” que possibilitou a transformação. É primordialmente daqui que deriva a força da prática ativista – não daquilo que se faz *para* uma situação – mas através de como o ativista observa essa situação (e a si mesmo nessa situação). Existe, sim, uma intervenção, existe atividade (observar também é um “fazer”); mas a atividade é uma *receptividade ativa*, o exato reverso do que normalmente imaginamos ser central em uma intervenção efetiva.

Ativismo delicado – Uma Inescapável Reciprocidade

“O tipo de atenção que prestamos ao mundo muda o mundo ao qual estamos prestando atenção.” IAN MCGILCHRIST

DIANTE DO DESESPERO COM O ESTADO EM que as coisas estão, tentamos, desesperadamente, mudá-las. Um (justificável) sentido de urgência e revolta acompanha esse desespero, assim como um entusiasmo por uma vida em sociedade mais alinhada com nossos próprios valores e perspectivas. Partindo de um profundo sentido de necessidade, paixão e convicção, zarpamos para salvar o mundo. E justamente aí está nosso maior desafio, a nossa potencial ruína. Como notamos antes neste texto, é o nosso entusiasmo, nossa paixão, urgência, desespero que deixam à solta, em um terrível ato de ironia, o conservadorismo potencial que está à espreita nas entranhas do ativismo. Ele perpetua o instrumentalismo que inadvertidamente pressupõe a existência de um mundo mecânico e nos deixa do lado de fora do campo em que estamos trabalhando (e acabamos chegando a nós mesmos por último, se é que chegamos).

Mas quais são as alternativas? Devemos aquiescer, relegando nossa convicção e nosso ultraje e nossa humanidade aceitando um mundo insustentável e injusto, e simplesmente, sucumbindo? Não, essa não é a resposta de maneira alguma, porque isso acaba sendo simplesmente a defesa de uma postura não-ativista, isso não nos leva ao cerne do desafio ativista. Não nos leva ao *outro lado* do

ativismo e assim deixa o campo aberto para aqueles que vêem as questões sociais e ambientais como problemas mecânicos a serem consertados, e não como momentos desafiadores na evolução de nossa humanidade. Como ativistas, não podemos evitar a ironia do ônus desse conservadorismo e desse instrumentalismo; ele é a chave para a evolução do ativismo em si, assim como para a essência do ideal humano. Porque o ativismo está no cerne de nossa humanidade: nossa luta por um futuro melhor é a essência de nossa humanidade.

Há alguns anos atrás, em uma palestra dada no Fórum Econômico Mundial de 1992, um dos ativistas modernos mais marcantes e poderosos, o dramaturgo tcheco, dissidente, prisioneiro político e eventualmente presidente Vaclav Havel, disse o seguinte:

“Estamos tentando lidar com o que nós deixamos à solta ao empregar os mesmos meios que usamos: receitas, novas ideologias, novos sistemas de controle, novas instituições, novos instrumentos para eliminar as horríveis consequências das nossas receitas anteriores (...) Tratamos as consequências fatais da tecnologia como se elas fossem um defeito técnico que só poderia ser remediado pela tecnologia. Estamos procurando uma saída objetiva para a crise do objetivismo. Tudo parece sugerir que esse talvez

não seja o caminho certo a ser seguido. Não conseguimos imaginar, dentro da moderna atitude tradicional que temos para lidar com a realidade, um sistema que eliminará todas as consequências desastrosas dos sistemas anteriores...O que se faz necessário é algo diferente, algo maior. A atitude do ser humano no mundo precisa mudar radicalmente. Temos que abandonar a crença arrogante de que o mundo é um mero quebra-cabeças a ser solucionado (...). Temos que libertar da esfera desse capricho privado (...) a habilidade de enxergar as coisas como os outros enxergam (...) as coisas precisam ter mais uma chance de se apresentarem sozinhas como elas são, de serem percebidas em sua individualidade (...) Devemos nos esforçar mais para entender do que explicar.”⁹

Havel acabou se retirando da política antes da hora (embora tenha dedicado seu tempo à sua prática como artista) e ao fazê-lo, ele comentou estar entristecido pela sensação crescente de que até seu próprio governo agora estava começando a perpetrar as mesmas coisas contra as quais ele havia lutado e resistido em seus dias como ativista e dissidente rejeitado pelo regime comunista anterior... seu próprio ativismo estava começando a ficar conservador, a se virar contra seus próprios ideais. Nesse estágio (e idade) ele não tinha mais a energia para resistir contra

essa virada, tão imperceptível para os que estavam ao seu redor. Foi preciso a sensibilidade de um artista para se perceber a virada.

Essas viradas vão continuar acontecendo até que possamos entender a natureza verdadeiramente radical de um ativismo que vai além da tendência inerente de se escorregar para a sombra do conservadorismo. Tal compreensão só poderá advir do reconhecimento da natureza fenomenológica de um ativismo verdadeiramente radical. Tal reconhecimento diz respeito a enxergar que o *próprio modo como pensamos* afeta e muda o mundo que enxergamos... não subjetivamente (só para mim porque eu enxergo dessa maneira), mas *na realidade...* o mundo se torna o modo como o vemos...é esse encontro que constitui o mundo fenomenológico, o mundo dos fenômenos nos quais vivemos.

Um ativismo verdadeiramente radical, portanto, leva a sério essa ideia de que o modo como pensamos o mundo, como o vemos tem um maior potencial de transformar ou de subjugar do que qualquer ação notória que possamos empreender (todas as ações, de qualquer maneira, estão calcadas no modo como pensamos). Um ativismo verdadeiramente radical, portanto, abordará o mundo com suas sensibilidades totalmente abertas para a simultaneidade e reconhecerá que não se pode simplesmente agir no mundo, mas que de fato ele é o mundo que é enxergado, confrontado. Um ativismo verdadeiramente radical, então, não falhará em reconhecer que ele vive dentro do mundo que está tentando mudar, que qualquer mudança acarretará a sua própria mudança e se seguirá a partir dele. Um ativismo verdadeiramente radical reconhecerá que ele é o mundo que está tentando mudar (como nota Jung, “e se eu descobrir que eu mesmo sou o inimigo que precisa ser amado – o que acontece, então?”¹⁰). Um

...Tal reconhecimento diz respeito a enxergar que o *próprio modo como pensamos* afeta e muda o mundo que enxergamos... não subjetivamente (só para mim porque eu enxergo dessa maneira), mas *na realidade...* o mundo se torna o modo como o vemos...é esse encontro que constitui o mundo fenomenológico, o mundo dos fenômenos nos quais vivemos.

Um ativismo delicado não pode fazer no mundo qualquer coisa que não faça a si mesmo, não pode ter qualquer expectativa em relação a ele que não tenha em relação a si próprio; ele nunca vai encontrar nada que não traga. Não existe outro mundo além da delicada reciprocidade que emerge de nossa inescapável relação com o mundo.

ativismo verdadeiramente radical não hesitará diante do autoescrutínio, na verdade o considerará fundamental para seu próprio credo ativista, algo sem o qual seria impossível de se viver (como nota Wittgenstein, porque “se você está disposto a saber o que você é, o seu estilo será uma forma de fraude” e “Qualquer pessoa que não estiver disposta a descer para dentro de si mesma porque é dolorido demais vai permanecer superficial”¹¹). Um ativismo verdadeiramente radical vai perceber que sempre se está trabalhando de dentro para fora e que o modo como se vê o mundo vai se tornar o mundo que se vê. Um ativismo verdadeiramente radical vai entender que o mundo que surge a partir da conversa é o mundo real e que a conversa é uma atividade central para o ativista radical (e que essa conversa não acontece simplesmente entre ele e o outro, mas consigo mesmo também). Um ativismo verdadeiramente radical reconhece que é como nos vemos e como nos pensamos que transforma, muito mais do que aquilo que proclamamos. Um ativismo verdadeiramente radical reconhece que aquilo que somos é aquilo em que o mundo se transformará, portanto a autocompreensão aprofundada é o cerne dessa abordagem. Uma conversa genuína exige tanto autorreflexão quanto abertura e a conversa genuína é o modo para se chegar ao lado verdadeiramente radical do ativismo.

Goethe usou a frase “empirismo delicado” em pelo menos dois sentidos e nós nos guiamos por esses significados ao falarmos aqui de um “ativismo delicado”. Em primeiro lugar, o empirismo é delicado quando ele reconhece que o respeito pelo empírico – o conhecimento ganho através da experiência ou da observação sensorial – não pode se afastar do significado que nós atribuímos àquilo que sentimos e vivenciamos. Ao mesmo tempo, esse

significado não pode ignorar a base, no mundo sensorial, daquilo que vivemos e sentimos. Em outras palavras, há uma relação delicada entre o mundo “lá fora” (o sensorial, o mundo dos fenômenos) e a atribuição de sentido que trazemos para o mundo; que o mundo fenomenológico no qual vivemos surge de uma conversa entre o sentido e a atribuição de sentido. Nós somos participantes, portanto, do surgimento do mundo fenomenológico no qual estamos imersos ao mesmo tempo; há uma conversa acontecendo entre o interno e o externo, entre o mundo e o eu – e essa conversa é o mundo real.

Nós nos levamos até o mundo e nós nos abrimos para o que mundo nos traz. Somos seres intencionais e devemos ser disciplinados para *ter essa intenção de abertura e receptividade*, do contrário vamos acabar nos impondo e deixando a presunção tomar conta, ou nos fecharemos; daremos lugar ao tédio, ao conservadorismo, ao fundamentalismo, à preguiça. Um ativismo delicado, seja lá o que ele fizer, tenciona a abertura e receptividade, tanto quanto seu desejo por mudança. *Ele busca mudar o mundo estando aberto à possibilidade de ser mudado pelo mundo*¹².

Em segundo lugar, “um empirismo delicado (...) torna-se totalmente idêntico ao objeto”. Entramos no objeto – o que é percebido, o outro, o mundo – tão intensamente que nos descobrimos idênticos a ele e a distinção entre sujeito e objeto (entre subjetivo e objetivo), que nos é tão comum, cai por terra. Somos um só com o mundo. Em uma segunda leitura (e nesse ponto de nossa história o segundo sentido dessa frase não é um segundo sentido, mas um aprofundamento natural e lógico do primeiro), o mundo surge através de nós na medida em que surgimos através do mundo. Talvez esse o verdadeiro significado de *empatia*. E isso implica dizer que nossa abordagem

Somos seres intencionais e devemos ser disciplinados para *ter essa intenção de abertura e receptividade*, do contrário vamos acabar nos impondo e deixando a presunção tomar conta, ou nos fecharemos; daremos lugar ao tédio, ao conservadorismo, ao fundamentalismo, à preguiça. Um ativismo delicado, seja lá o que ele fizer, tenciona a abertura e receptividade, tanto quanto seu desejo por mudança. *Ele busca mudar o mundo estando aberto à possibilidade de ser mudado pelo mundo.*¹²

do mundo não pode estar preenchida, em um primeiro momento, por julgamentos ou pressupostos. Novamente, Merleau-Ponty: “O mundo está inteiro dentro de nós e nós estamos inteiramente fora de nós mesmos”. Um ativismo delicado não pode ser nada além de um modo de vida, reconhecendo que tudo que ele toca é realmente tocado por ele, e que ele é tocado por tudo que o toca. Um ativismo delicado leva essas sutilezas filosóficas a sério; ele reconhece que sua compreensão filosófica é uma imagem do mundo que dela surgirá. Um ativismo delicado não pode fazer no mundo qualquer coisa que não faça a si mesmo, não pode ter qualquer expectativa em relação a ele que não tenha em relação a si próprio; ele nunca vai encontrar nada que não traga. Não existe outro mundo além da delicada reciprocidade que emerge de nossa inescapável relação com o mundo.

Existem muitas práticas diferentes com as quais podemos nos envolver para que possamos fortalecer e ampliar e aprofundar nosso modo de pensar. Mas por enquanto são poucas as considerações compiladas que tocam o cerne da abordagem fenomenológica para mudança, que conectam todas essas práticas específicas.

Realmente prestar atenção significa prestar atenção ao todo. Significa estar sempre olhando para a integridade maior dentro da qual as partes encontram seu sentido. Significa simultaneidade mais do que causa e efeito. Prestar atenção ao todo significa buscar o sentido, significa encontrar a interconectividade, as relações, as necessidades de transformação, as dinâmicas de pertencimento e separação que vivem *entre* as coisas, assim como a atividade, o fluxo que as une.

Tudo isso também significa não perguntar o porquê, não buscar explicações ou causas, todas as explicações são

tentativas de reduzir algo a outra coisa que ele não é, mas que o causa; e assim somos tirados do fenômeno e nosso pensamento se torna uma conjectura abstrata¹³. Ele se torna instrumental, mecânico, linear, ele extrai para utilizar. Ao deixarmos de lado as explicações, o fenômeno em si permanece como nossa fonte primária de informação e compreensão e aí começa a ser visto por aquilo que ele é, em si mesmo; ele começa a se revelar como um “segredo aberto.”¹⁴ E assim o fenômeno é revelado em sua própria profundidade, surgindo de dentro de si mesmo – assim como tudo que é vivo surge de dentro de si próprio – e quando o fenômeno é visto dessa maneira, ele se torna sua própria teoria¹. Se nós não olharmos com uma pergunta de “por que” nos lábios de nossa mente, mas simplesmente prestarmos atenção ao “quê” está acontecendo, e se persistirmos nesse esforço mesmo que os antigos hábitos fiquem clamando para acabarmos logo com a observação dando uma resposta, uma explicação, uma conclusão, uma solução, então o mundo gradualmente vai se tornar vivo para nós novamente e vamos vivenciar o maravilhamento, a acurácia e um novo tipo de rigor e disciplina; ao prestar atenção, entramos no campo do amor. Ao prestarmos atenção ao “o quê” sem cair no vício do “por que”, exercitamos as faculdades que nos permitem re-entrar no mundo do qual fomos separados.

Não podemos realmente prestar esse tipo de atenção a não ser estando presente. Estar presente é facilitado pela reflexão, pela autorreflexão. Não o tipo de reflexão que empregamos para olhar para feitos do passado e determinar se eles foram bons ou não (para que possamos tirar lições para melhorar nossa ação no futuro), mas sim o tipo de reflexão que empreendemos no presente, simultaneamente com nossa atenção voltada para o mundo lá fora,

ao mesmo tempo em que estamos envolvidos com o mundo lá fora. É uma coisa estranha, paradoxal até, porque poderíamos pensar que tal autorreflexão (testemunhar o momento e nossa própria presença no mundo) nos levaria para longe do presente; mas o oposto é verdadeiro. E aqui encontramos uma requintada ironia: entramos no mundo mais inteiramente estando conscientes de nós mesmos. O delicado florescimento de um ativismo que leva a mudança a sério o suficiente para mudar o mundo.

Porque “não existe outro mundo além da delicada reciprocidade que emerge de nossa inescapável relação com o mundo”. Finalmente chegamos a real compreensão da participação sobre a qual a abordagem fenomenológica está baseada. Vimos – fomos testemunhas nessas páginas – como participamos no surgimento do mundo fenomenológico. Quando levamos essa participação a sério não podemos evitar o reconhecimento que um ativismo radical demanda antes e durante todo o processo: de que temos que enxergar o nosso próprio pensamento (e ações) como a verdadeira fonte de mudança. Mas nós hesitamos em levar a sério nossa participação no surgimento do mundo. Se pudéssemos, algumas realizações monumentais cairiam do céu como chuva revitalizante. A distinção entre o interior e o exterior começa a ter um significado diferente. Percebemos, como diz Owen Barfield,¹⁵ que a relação entre interior e exterior pertence à natureza de uma observação autoevidente e compreensiva – posto de modo muito simples, que todo interior tem um exterior. Com isso o mundo gira e nós podemos começar novamente. ■

Autores: Allan Kaplan e Sue Davidoff
da Proteus Initiative



Allan Kaplan e Sue Davidoff são profissionais de desenvolvimento social, professores e escritores. Eles são autores dos livros: *The Development Practitioner's Handbook*, *Artists of the Invisible* (Artistas do Invisível, publicado no Brasil pela Editora Peirópolis), *The Developing of Capacity*, *Dreaming Reality – The Future in Retrospect and The Learning School*, *The Courage to Lead*, *Changing your Teaching*. Fundaram uma instituição chamada The Proteus Initiative (baseada na Cidade do Cabo, na África do Sul) como veículo para desenvolver os métodos orgânicos e holísticos de J.W. von Goethe em busca de uma nova compreensão e abordagem na esfera da renovação social. O trabalho deles é uma tentativa de enxergar as consequências de uma verdadeira participação, a complexidade de socioecológica e uma consciência emergente que considera a liberdade e a responsabilidade como uma polaridade geradora na busca de integridade. Juntos eles também formaram a Towerland Wilderness, um espaço na natureza selvagem para o aprendizado que possa advir da imersão e da comunhão com a natureza.

O Ativismo Delicado foi publicado em 2014 pela Proteus Initiative.

ENDEREÇO:

5 Rose Way
Constantia
7806
Cape Town
South Africa

WEBSITES:

www.proteusinitiative.org
www.towerlandwilderness.org

CONTATOS:

Lela Rabie – (Portal): people@proteusinitiative.org
Sue Davidoff : sued@mweb.co.za
Allan Kaplan: alkaplan@mweb.co.za

Agradecimentos

Agradecemos a Tanya Lane, Sue Soal, Tania Katzschner e Paula Hathorn pelo trabalho de ler o texto e responder a ele, por contarem sua história e dela extraírem seu sentido; Tanya e Sue especificamente, dedicaram muitas horas de trabalho em momentos difíceis. Todos esse profissionais estiveram inteiramente envolvidos na vida da Cape Flats Nature e na prática que aqui tentamos iluminar. Também gostaríamos de agradecer as várias pessoas envolvidas no processo da Cape Flats Nature, desde a idéia até o projeto e agora, na prática continuada. Também agradecemos a Peter Westoby por uma primeira leitura do texto e por nos encorajar a não temer a natureza desse desafio.

DESIGN E LAYOUT: Cecilia Solis-Peralta

O desenho da protea (página 26) foi feito por Liz Smith

TRADUÇÃO PORTUGUÊS: Ana Paula P. Chaves Giorgi

Referências

- 1 BEISSER, Arnold. The paradoxical theory of change. (A teoria paradoxal de mudança); J.Fagan & I Shepherd (eds). Gestalt Therapy Now: Theory, Techniques, Applications. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books, 1970.
- 2 STEINER, Rudolf. Spiritual Science as a Foundation for Social Form. New York: Anthroposophic Press. 1986. Versão em português: Steiner, R. Ciência Espiritual e Questão Social (três artigos de 1905). Republicado com o título Economia e Sociedade à Luz da Ciência Espiritual. 2ª ed. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2003.
- 3 BARFIELD, Owen. A Fresh Light on Present Discontents. (Uma nova luz sobre os atuais descontentamentos) in The Rediscovery of Meaning and Other Essays (A redescoberta do significado e outros ensaios), San Rafael: The Barfield Press, 1997.
- 4 MONK, Ray. Ludwig Wittgenstein – The Duty of Genius. (Ludwig Wittgenstein: o Dever de um Gênio). Londres: Vintage Books, 1991.
- 5 HOLDREDGE, Craig. Comunicação pessoal. Ghent:NY, 2001.
- 6 BARFIELD, Owen. Saving the Appearances: A Study in Idolatry (Salvando as aparências: um estudo da idolatria). New York: Harbinger Book, Harcourt Brace & World Inc., 1965
- 7 FREEMAN, Arnold. Self-Observation (Auto-observação). Londres: Anthroposophical Publishing Company, 1956
- 8 KAPLAN, A. & WESTOBY, P. Foregrounding Practice – Reaching for a responsive and ecological approach to community development. (Foregrounding Practice : buscando uma abordagem ecológica e responsiva para o desenvolvimento comunitário) in Community Development Journal. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- 9 HAVEL, Vaclav. *Address to the World Economic Forum, 1992, disponível online em: <http://www.compil-erpress.ca/competitiveness/Anno/Anno%20Havel.ht>*
- 10 JUNG, Carl G. Collected Works of C.G. Jung. Editado e traduzido por G. Adler e R.F.C. Hull: Princeton University Press, 1970
- 11 MONK, Ray. Ludwig Wittgenstein – The Duty of Genius. (Ludwig Wittgenstein: o Dever de um Gênio). London: Vintage Books, 1991.
- 12 SMITH, Rodnet. Stepping out of Self-Deception. (Escapando da Autodecepção). Shambala Publications, 2010
- 13 BORTOFT, Henri. The Wholeness of Nature – Goethe’s Way of Science. (A Totalidade da natureza: O Caminho da Ciência de Goethe). Londres: Lindisfarne Press and Floris Books, 1996.
- 14 GOETHE, Johann W. The Maxims and Reflections of Goethe. (As máximas e as reflexões de Goethe). Londres: Penguin Classics, 1999.
- 15 BARFIELD, Owen. Participation and Isolation. (Participação e Isolamento). In The Rediscovery of Meaning and Other Essays. San Rafael: The Barfield Press, 2013.

Notas

- i N.T. Em inglês, a frase “the ground on which we stand” é uma expressão derivada do verbo “to stand on one’s ground” que significa “defender sua posição”, “manter sua posição”. Essa conotação também se faz presente ao longo desse trecho embora em português ela não esteja expressa.
- ii N.T. Traduzindo, o nome desse projeto é “Natureza da Planície do Cabo”.

O Ativismo Delicado

Uma Abordagem Radical para Mudanças

Apoio



instituto fonte
para o desenvolvimento social

noetà

Allan Kaplan e Sue Davidoff
da Proteus Initiative